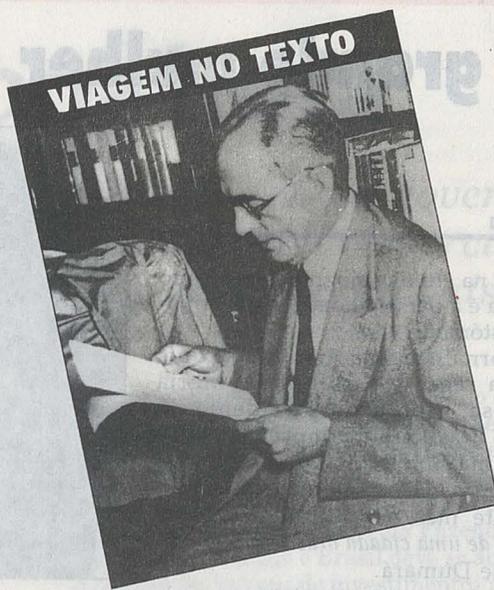


Relatórios de Graciliano Ramos

Elias Fajardo

Os relatórios escritos por Graciliano Ramos quando prefeito de Palmeira dos Índios (AL), entre 1929 e 1930, são uma peça única na literatura brasileira. Escritos com elegância e ironia, com observações precisas e oportunas em meio a números e informações sobre o acanhado mundo da administração de uma então cidadezinha do interior, acabaram despertando a atenção. Primeiro do governador a quem eram destinados, depois de jornalistas que o reproduziram na imprensa nordestina e, finalmente, no Rio, de onde o escritor Marques Rebelo lhe escreveu dizendo que, depois de Manoel Antonio de Almeida e Machado de Assis, nada encontrara em prosa no Brasil que o satisfizesse tanto quanto os tais relatórios. Algum tempo depois, o editor e poeta Augusto Frederico Schmidt publicava o primeiro romance de Graciliano: *Caetés*.

O escritor nasceu em 1892 em Quebrangulo (AL). Em 1914 veio para o Rio. Mas três de seus irmãos e um sobrinho morreram vítima da sujeira e miséria, atacados por peste bubônica. Graciliano voltou a Alagoas, casou-se com a enfermeira que cuidou deles, que mais tarde viria a morrer de parto. A tragédia tornou-o um homem seco e casmurro e aguçou-lhe a sensibilidade. Eleito prefeito, criou um posto de saúde e higiene, abriu estradas, investiu na educação. E exercitou seu finíssimo sentido de observação, escrevendo: "Dos funcionários que encontrei restam poucos. Saíram os que faziam política e os que não faziam coisa alguma. Os atuais não se metem onde não são chamados, cumprem suas obrigações



e não se enganam nas contas. Devo muito a eles." Quanto à reação dos munícipes, observou: "Houve lamúrias e reclamações por se haver mexido no cisco preciosamente guardado nos fundos dos quintais e porque mandei matar algumas centenas de cães vagabundos."

Aos que o louvavam por bem administrar, escreveu: "Não fui eu, primeiramente porque o dinheiro era do povo, em segundo lugar porque tornaram fácil a minha tarefa uns pobres homens que se esfalfam para não perder salários miseráveis. Quase tudo foi feito por eles. Eu apenas teria tido o mérito de escolhê-los e vigiá-los, se nisto houvesse mérito."

Segundo o ator Emmanoel Cavalcanti, em estudo no livro *Relatórios*, publicado pela Record, a situação do Nordeste retratada por Graciliano não mudou nada: "As questões perduram, duríssimas, o estágio atrasado, desumano em que mergulham populações inconformadas, empobrecidas, em busca de água para beber, casa para morar, tratamento de suas mazelas e enfermidades, a instrução necessária para fugir da estupidez e discriminação social."

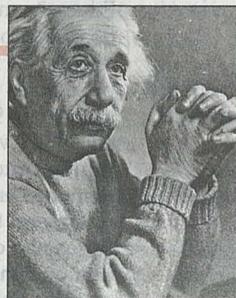
NOTAS

Preconceito contra latinos

Tem cerca de 600 páginas o livro que o escritor chileno José Donoso está escrevendo. Vai chamar-se *Donde van a morir los elefantes*. O assunto é explosivo: uma metáfora da ignorância e do desprezo que a cultura acadêmica tem pelo latino-americano. Embora os latino-americanos se destaquem em terrenos tão amplos quanto a literatura (García Marques, prêmio Nobel) ou física (o brasileiro César Lattes), o preconceito acadêmico é uma realidade.

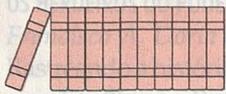
Cientista político

"A anarquia econômica da sociedade capitalista é a verdadeira fonte do mal. Vemos uma imensa comunidade de produtores cujos membros lutam para despojar uns aos outros dos frutos de seu trabalho coletivo, não pela força e sim, em geral, pelo fiel cumprimento de normas legalmente estabelecidas. A produção é orientada para o lucro, não para o uso. Trabalhadores desempregados e mal remunerados não geram mercado lucrativo e a produção



de bens de consumo é restringida, o que resulta em penúria. Há apenas um meio de eliminar esses males: uma economia socialista acompanhada de um sistema educacional orientado para fins sociais."

Estas palavras não são de um político ou sociólogo, mas do cientista Albert Einstein, que revolucionou a ciência moderna com a teoria da relatividade e estão no livro *Escritos da Maturidade*, lançado pela Nova Fronteira em fevereiro.



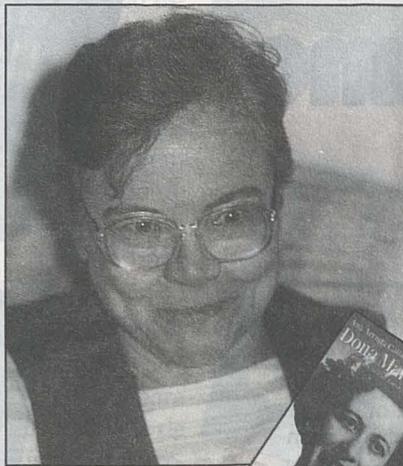
A grande mulher de um grande homem

Patrícia Costa

Estamos na era das biografias, e quanto mais famosa é a personalidade, mais popular é sua história de vida.

Mas a jornalista Ana Arruda não quis seguir esta regra e escolheu D. Maria José Barbosa, esposa do presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), Barbosa Lima Sobrinho, como tema de uma biografia. O resultado está sendo lançado este mês, sob o título *D. Maria José, retrato de uma cidadã brasileira*, da editora Relume Dumará.

"Há algum tempo eu me interessei pela história de mulheres que participam da vida do país de uma maneira discreta, como é o caso de D. Maria José", conta Ana Arruda que, junto com sua parceira, Denilde Leitão, desenvolveu dois anos de muita pesquisa, colhendo depoimentos, documentos, fotografias e histórias sobre esta mulher "extraordinária e dinâmica, que soube unir o trabalho social à função de dona de casa, esposa e mãe. Criou quatro filhos sem babá e, ao mesmo tempo, administrou a construção de sua casa e promoveu projetos so-



ciais de vários tipos". Hoje, com 87 anos, D. Maria José guarda ainda a mesma vitalidade e disposição para lutar pelos direitos das pessoas menos favorecidas, sendo o perfeito exemplo da cidadania.

A vontade de escrever sobre pessoas que não estão em evidência foi um desafio para Ana: "Revelar a história de alguém desconhecido é um prazer, e pretendo que seja o primeiro livro de uma série sobre mulheres com este perfil, que têm o que falar, mas não encontram, às vezes, espaço."

Outro desafio foi escrever a biografia não como uma jornalista, mas como uma escritora em busca de um estilo e linguagem próprios. Por isso, a maior parte do texto é escrita em primeira pessoa, como se fosse D. Maria José quem falasse. Por quê? "Porque ela conta histórias de um jeito muito pessoal, delicioso. Quis dar esse tom, e acho que consegui", comemora a jornalista, que adianta que o livro traz ainda fotos tiradas desde o início do século até recentemente, do casal Barbosa Lima.

NOTAS

Notícia ruim

A receita federal taxou os livros infantis importados em 16%. O artigo 150 da Constituição Federal determina que livros e jornais estão isentos de impostos. O Sindicato Nacional dos Editores batalha para revogar a portaria. Até meados de fevereiro, a importação de carros tinha imposto de 20%, que só aumentou por causa dos déficits da balança comercial de novembro e dezembro.

Que país é esse que taxa livros quase como carros?

Notícia boa

O brasileiro está lendo mais. Foram produzidos no país 236 milhões de exemplares no ano passado, mais 6% do que no ano anterior. Quanto ao faturamento, o mercado editorial cresceu em 29%. Em 94, as empresas faturaram US\$ 1,2 bilhão, contra US\$ 930 milhões no ano anterior.

Erros didáticos

Em discurso sobre a educação, o presidente Fernando Henrique Cardoso prometeu melhorar o material didático e organizar o sistema de distribuição do livro escolar. Há muito o que fazer na área, pois uma investigação feita pelo Ministério da Educação mostrou que as obras para alunos do primeiro grau têm "distorções e erros crassos" de informação. Vinte e três professores universitários de todo o país analisaram 90% dos títulos didáticos adotados em 1991 e verificaram que, em matemática, muitos autores não compreendem a distinção entre número (entidade abstrata) e numeral (símbolo) e em geometria alguns livros não definem o que é um segmento de reta ou um polígono.

Nos volumes de estudos sociais, a visão sobre cidade e campo é idealizada, insinuando que no campo não há problemas e a metrópole é o centro da vida e do progresso.

O pior mesmo é o livro *Meio ambiente, vida e saúde*, em que a autora Mattetucci Ferreira informa que os insetos são seres de seis patas e, logo em seguida, apresenta outros insetos com oito patas (aranhas e escorpiões).

Rainhas do crime



Elas são decididas, atiram bem, têm fôlego de sete gatos. São as heroínas de romance policial, que têm pontos em comum com seus colegas masculinos, mas ao mesmo tempo guardam com relação a eles marcadas diferenças.

A presença da mulher como autora e também como personagem principal da ficção policial é analisada em "profundidade no volume *Rainhas do crime*, de Sonia Coutinho, da Sete Letras. Segundo a romancista e tradutora baiana, as novas autoras de policiais suprimem, em sua obra, a voz exclusiva de autoridade, representada pelo detetive clássico.